



N.º 121 — Lisboa, 26 de maio

5.º ANO 1915

# PARODIA

FUNDADOR  
RAPHAELO BORDALLO PINHEIRO

Publica-se ás sextas-feiras  
Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA**  
PREÇO AVULSO 40 RÉIS  
Um mez depois de publicado 80 réis

Redacção e administração—Rua dos Mouros, 37, 1.º

**Assignaturas (pagamento adiantado)**  
Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs. | Brasil, anno 52 numeros..... 50000 rs.  
Semestre, 26 numeros..... 15000 \* | Africa e India Portuguesa, anno. 25000 \*  
Cobrança pelo correio..... 5000 \* | Estrangeiro, anno 52 numeros... 35000 \*  
NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de janeiro ou no 1.º de julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES  
COMPOSIÇÃO  
**Anuario Commercial**  
5, Calçada da Gloria, 5  
IMPRESSÃO  
**A EDITORA**  
L. Conde Barão, 50

## Ordem do dia

### I. V.

—Homem! Vae vêr a Vitaliani!  
—Heide ir...  
—E' extraordinaria!  
—Já sei...  
—Vae hoje... E' a Dama das Camélias.  
—Hoje não posso... Vou á Verbena.  
—Então vae amanhã...  
—A'manhã? Espera!... A'manhã não posso... Vou á Enseñanza Libre.  
—Então depois... E' a despedida... Vae a Zázá.  
—Que pena! Tambem não posso... Vou ao Baile de Luiz Alonso.



# AGUA DE MEZA SAMEIRO

de uma leveza extraordinaria e de uma pureza indiscentivel, engarrafada debaixo de todos os preceitos indicados pela Sciencia.

As garrafas e as ro-lhas usadas no en-garramento da Agua de Meza

### Sameiro

São sempre esterilizadas. E já conhecida pelas suas pouco vulgares qualidades em quasi todos os paizes estrangeiros e nas colonias portuguezas.

Está á venda: em todos os estabelecimentos importantes de Portugal

Preços de venda a retalho

Cada garrafa de 1/2 litro..... 80 rs.  
" " 1/4 litro..... 50 rs.

Deposito geral no Porto:

**C. Coverley & C.<sup>a</sup>**  
**Reboleira, 55, 1.<sup>o</sup>**

Endereço telegraphico—COVERLEY  
Telephone n.<sup>o</sup> 18

Em Lisboa:

Manoel José da Silva  
RUA D'EL-REI, 31, 2.<sup>o</sup>  
Telephone n.<sup>o</sup> 512

Endereço telegraphico—MISSILVA

FABRICA DE CARTAS DE JOGAR de Germano & C.<sup>a</sup>

Rua Vasco da Gama, 60, 1.<sup>o</sup>—Lisboa  
Cartas numeradas para os jogos de Whiste, Voltarete e Solo. Especialidade em cartas para o jogo do monte.

Descontos aos revendedores

OURIVESARIA E RELOJOARIA

com officina annexa  
de fabrico  
e concertos

**FLORINDO**  
Jóias  
com brilhantes  
Preços limitadissimos

99, Rua Aurea, 99



Peço a V. Ex.<sup>a</sup> a fineza de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento



# Annuario Commercial de Portugal

## ILHAS E ULTRAMAR

PROPRIETARIO-EDITOR: MANOEL JOSÉ DA SILVA ~ DIRECTOR: CALDEIRA PIRES

DA INDUSTRIA, DA MAGISTRATURA E DA ADMINISTRAÇÃO CONTENDO: 1 milhão de endereços e informações em todos os ramos e em todas as freguezias do reino

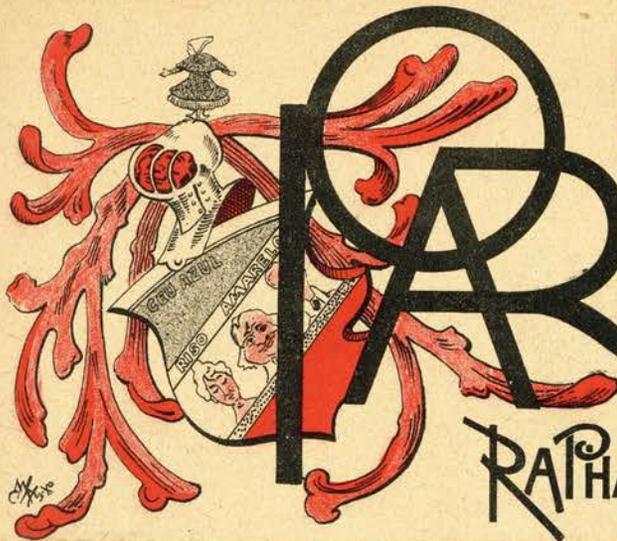
**2:360 paginas de texto — 25.<sup>o</sup> anno**

**A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS**

**PREÇO 2\$500 RÉIS**

**BRINDE: Uma nitida planta de Lisboa medindo 0,34 x 0,36**

**ESCRITORIO**  
**PRAÇA DOS RESTAURADORES**  
(PALACIO FOZ)



N.º 121 — LISBOA, 26 DE MAIO

5.  
ANO  
95

# PARODIA

FUNDADOR  
RAPHAELO BORDALLO PINHEIRO

Publica-se às sextas-feiras  
Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA**

PREÇO AVULSO 40 RÉIS  
Um mez depois de publicado 80 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assinaturas (pagamento adiantado)  
Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs. || Brazil, anno 52 numeros..... 55000 rs.  
Semestre, 26 numeros..... 12000 rs. || Africa e India Portuguesa, anno 25000 rs.  
Cobrança pelo correio..... 5100 rs. || Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 35600 rs.

NOTA: — As assinaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO  
Minerva Peninsular  
82, Rua do Norte 82

IMPRESSÃO  
"A EDITORA"  
L. Conde Barão

## ROMANCE MODERNO



—Tenho a honra de apresentar à vv. ex.ª "o mais lindo romance d'amor que se tem publicado em lingua portugueza.

## ESTREIA DE UM FUMADOR

Os jornaes publicaram a semana passada uma noticia que, por certo, passou despercebida e que tem todavia uma consideravel importancia. Foi a que se referiu ao facto de, na parada agricola realisada na Tapada da Ajuda, ter o principe real, senhor D. Luiz Felipe, apparecido pela primeira vez, em publico, a fumar.

Visto que sua alteza fuma em publico é de suppor que o faça com a sancção dos seus progenitores. Sua alteza foi talvez mesmo aconselhado a fumar pelo protocolo. Fumar é um dos primeiros actos viris do homem.



A maioridade official de sua alteza impunha-lhe o exercicio de um certo numero de funcções masculas, entre as quas a de expellir fumo pelo nariz. Quem sabe? foi talvez com repugnancia que sua alteza fumou officialmente o seu primeiro cigarro! Talvez mesmo o enjoasse. Talvez o atirasse fóra com horror, amaldiçoando o officio de reinar.

Queremos crer que sua alteza não fuma ainda por vicio, mas tão sómente pelas necessidades representativas da sua situação de principe herdeiro que attingiu a maioridade.

De todos os modos, é este o momento de prestar á inexperiencia do jovem fumador que é sua alteza algumas das nossas luzes de velhos, incorrigiveis, facciosos fumadores.

De todos os habitos adquiridos pelo homem, o habito de fumar é o mais absurdo.

Beber aquece. Algumas vezes mesmo refresca. Os bebedores d'alcool procuram com a ingestão d'este liquido corrosivo algumas satisfações explicaveis. A mesma embriaguez é logica. Mas fumar!

Pretendem os fumadores e nós mesmo o temos pretendido, que fumar distrahe. Á nós tem nos succedido procurar a distração no tabaco e o que temos na realidade verificado é que o tabaco, longe de nos distrahir do curso dos nossos pensamentos, nos attrahe a elles. Sempre que queremos pensar n'alguma coisa, accendemos um cigarro. Ora, é isto porventura distrahir? Distrahir é extraviar-se e o tabaco concentra. Observe-se que os homens alegres fumam pouco.

Só fumam ferozmente, os misantropos, os melancolicos, os solitarios, os affligidos, os torturados.



Por outro lado, o acto mechanico que consiste em absorver e expellir fumo explica por si só o prazer de fumar? O fumo, seja elle o do melhor charuto, é amargo, irritante, asphyxiante. Só o supporta o fumador, e que especie de prazer é este que só alguns experimentam e que a outros causa ao contrario a mais desagradavel impressão? Todos nós fumamos e todos recordamos a angustia do nosso primeiro cigarro. Não foi portanto a sedução de uma sensação grata o que nos levou a fumar.

O que foi então?

Foi o ambiente.

O homem acostuma se a fumar, por ver fumar—os outros. Não nos acostumamos nós a tantas outras coisas desagradaveis? Não começamos por as praticar com repugnancia e não acabam ellas por entrar na rotina dos nossos habitos? No homem nada é convicção. Tudo é tirocinio.

Desde que se torna fumador, o homem fuma segundo o seu temperamento. Os apaixonados, por exemplo, não fumam como os fleugmaticos, os sanguineos não fumam como os lymphaticos. Para pôr mais ordem na nossa exposição, nós dividiremos, porem, os fumadores em tres unicas categorias:

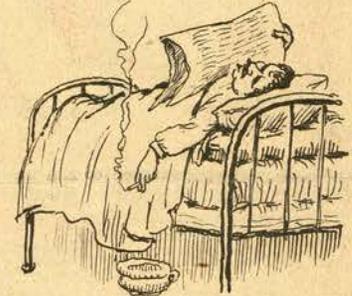
*Fumadores puros.*

*Fumadores mixtos.*

*Dilettanti do tabaco.*

O que caracteriza os viciosos genuinos de todos os vicios é que não encontram o prazer senão nas formas mais sordidas do vicio. Os viciosos do amor por exemplo, procuram o amor nas suas formas mais grosseiras. O *coureur de femmes* por excellencia, não procura as mais bellas mulheres. O fumador puro detesta o bom tabaco. O seu vicio só encontra satisfação no cigarro—mão. Offereçam-lhe um charuto Repellil-o-ha com tedio e pedirá um cigarro. Offereçam-lhe uma d'essas cigarrilhas aromaticas, que cheiram a serralho. Extrahirá uma fumaça medrosa, mas logo a atirárá fóra indignado, reclamará com urgencia—caporal.

O fumador puro fuma incessantemente e em todas as circunstancias da existencia. Dir-se hia que a vida lhe é impossivel sem absorver fumo. Mal acorda, accende o cigarro e enquanto lê os jornaes da manhã, fuma sem tregoa, espalhando cinza sobre o lençoes, sobre os tapetes, sobre os moveis que lhe estão á mão.



Salta da cama, mas nem assim o cigarro o abandona. Enquanto se lava, se veste, se penteia, põe o cigarro acceso no rebordo de todas as mesas, tira fumaças avidas nos intervallos d'estes cuidados pessoais.



Mas eis aqui o almoço. Dir-se hia que o fumador vae deixar o cigarro, dar treguas ao cigarro. Qual! Enquanto espera o almoço, accende outro cigarro e quando emfim é forgozo abandonal-o, não se imagine que o regeita, ou perde de vista. Poisa-o



com mimo no rebordo de um prato e almoça com impaciencia, para o retomar, refumar. Come sem interesse e com rapidez e quando reconhece que está livre d'esse penoso encargo da nutrição, apressadamente, com gula, reacende o cigarro. E' o seu melhor momento á meza. Não convidem o fumador puro para jantares de cerimonia. Para elle, o jantar de cerimonia é o maior dos supplicios. Empalidece, embezerza, amúa. D'entre todos os convivas é o mais mono. Verdadeiramente soffre.

Não ha circumstancia em que o fumador puro não fume, mas ha circumstancias em que fuma mais e então fuma desesperadamente. Em todos os seus momentos de agitação cerebral, o fumador puro é uma chaminé. Provoquem-n'o á discussão. O mais pequeno conflicto de idéas consume-lhe um masso de cigarros. Contrarial-o é arruinal-o. Se é uma natureza combativa não ganha para tabaco. A reflexão egualmente o excita. Se tem de escrever uma carta, o fumador puro penetra-se de fumo. Enquanto a penna vae correndo sobre o papel, elle vae involuntariamente levando o cigarro á bocca com a mão que lhe resta livre, e é vel-o então: todo elle, por todos os póros, exhala, projecta, despede, esguicha fumo. Não é um homem: é uma machina de guerra.



O fumador puro, como todos os apaixonados, é um sectario e como todos os sectarios, intolerante e faccioso. O fumador puro não vê em geral com bons olhos os individuos que não fumam e que lhe apparecem como formas alambicadas de uma falsa virtude. No fundo tem-n'os na conta de enfermiços e destituídos de virilidade.



Estygma dos fumadores puros: a pobreza.

### Fumadores mixtos.



Os fumadores mixtos fumam indistinctamente o cigarro, o cachimbo e o charuto; mas o cigarro fumam-n'o por bonhomia, o cachimbo por excentricidade. Por prazer, por paixão só fumam o charuto — bom, caro, rico. A sua mania é — *a sua marca*. Para fumar da sua marca os fumadores ricos entregam-se a despezas exaggeradas, os pobres fazem sacrificios absurdos. Mudar de marca, para esta cathegoria de fumadores é o infortunio.

Os fumadores mixtos não tem a gula insoffrida e as doentias impaciencias dos fumadores puros. Não fumam ao levantar, mas tão somente depois das primeiras refeições, com vagar e volupia. O vicio do cigarro é quasi um vicio solitario. O vicio do charuto é um vicio de aparato e ostentação. O fumador mixto não deixa nunca de trazer entre os dentes, na rua, um charuto autorita-



rio e grosso. Os fumadores de cigarros dão e pedem cigarros. Os fumadores de charutos não dão nem pedem charutos. Quando lhes succede dar um charuto, fazem-n'o com o ceremonial das grandes dadas e precedem-n'o de abundantes recommendações.

Estygma dos fumadores mixtos a fortuna.

Os *dilettanti* do tabaco, que collocamos em terceiro logar na cathegoria dos fumadores, são como todos os *dilettanti*, individuos sem convicção, — superficiaes, frivolos, inconsistentes.

O que especialmente os preoccupa não é o tabaco, mas o *bric-à-brac*, a *mise-en-scene*, a indumentaria do tabaco. Em rigor não fumam, embora mostrem um complicado apparatus de fumador. O *dilettante* do tabaco é aquella pessoa elegante e amavel que em sociedade, entre amigos, na rua, ou no club, interrompe com doçura a palestra para abrir uma carteira



rica e offerecer — cigarros. Fumar, para o *dilettante* do tabaco, é um acto de gosto social, como ir á Opera ou jogar o *brigde*. Por isso algumas vezes fuma, segurando levemente entre os dedos da mão direita, á maneira das mulheres, uma cigarrilha doirada do Khediva e deixando escapar d'entre os labios, um fumo azul e tenue.



Os *dilettanti* do tabaco não fumam senão por amavel solidariedade com o ambiente.

Estygma do *dilettante* do tabaco: o *dilettante* do tabaco enjoe o tabaco.





## O CALÇÃO ROTO

(Parodia ao quadro de  
Sousa Pinto—«Culotte de-  
chirée»).

## O DIA 20

*A psychologia do senhorio*



O senhorio é conservador.

Em politica elle é pelas monarchias, fortemente garantidas pela policia, pelo principio da auctoridade e pela ordem. Teme igualmente as revoluções, os tremores de terra e os canos entupidos.

Em religião é catholico. Existe um Deus dos poderosos, como existe um Deus dos humildes. Elle mantém-se permanentemente em communicação com um Deus a quem dá casa de graça no seu fóro intimo e que, em troca, o preserva das rendas atrazadas.

Em arte é pela linha recta, em hygiene pela pia, em amor pela cama á franceza.

O senhorio tem um procurador, ou não tem um procurador, mas o verdadeiro senhorio é o que não tem um procurador.

O senhorio que tem um procurador é apenas um proprietario. Tem predios, da mesma fórma que tem inscripções.

O senhorio propriamente dito não tem inscripções. Tem o predio. A inscripção é um bem instavel e ephemero, de uma materia já de si fragil e temporaria como o papel, que um phosphoro faz arder e um ministerio, cahindo, faz descer ao não-valor de uma motalha de cigarro que o vento leva.

A fortuna do senhorio propriamente dito não quer solidariedades com trapos. Por isso, o senhorio faz o Predio, onde o seu capital é representado pela argamassa, refractaria aos incendios e aos golpes de Estado. Erigido o Predio, ficam-n'o assim habitando, alem dos successivos inquilinos, a alma do senhorio. — Pregar-lhe um prego n'uma parede, é pregar-lhe um prego na alma. Elle sente-o.

Sendo o Predio a origem unica da sua fortuna, é o Predio a causa unica das suas preoccupações.

A preocupação do senhorio—é o inquilino, porque assim como o Predio é o inquilino, o inquilino é o predio. Destruir um é destruir outro.

O senhorio teme o inquilino, assim como o inquilino teme o senhorio.

O inquilino é o inimigo natural do Predio. Elle envelhece-o, suja-o, entulha-o, corce-o, fura-o, gasta-o. Prega-lhe pregos no chão, prega-lhe pregos nas paredes, parte-lhe os vidros, arranca-lhe as fechaduras, entupe-lhe os canos, n'uma palavra—destroe-o.

Como se sahe d'esta collisão do senhorio? Procurando, por seu turno, destruir o inquilino.

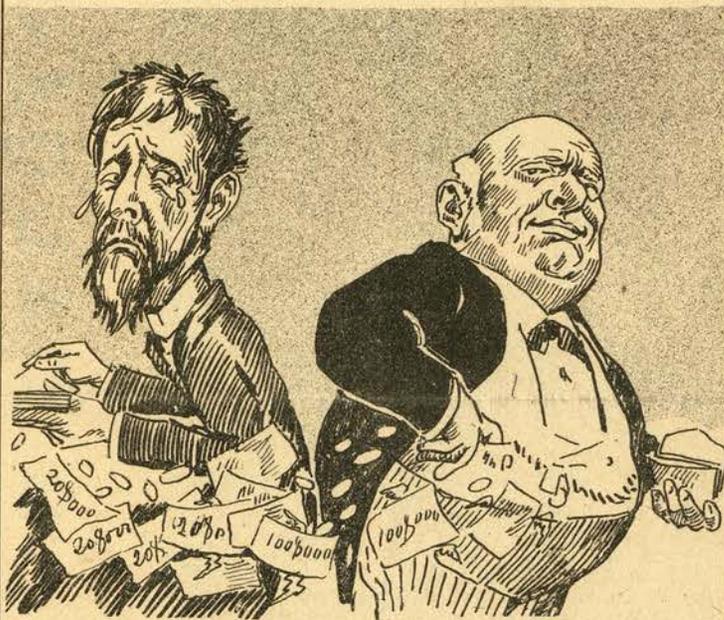
Como?

Pelo Predio.

O inquilino é máo. O Predio é pessimo. N'elle penetram o vento e a chuva. E' frio no inverno e no verão nauseabundo. As suas janellas não fecham, as suas portas não fecham. As suas alcovas são estreitas e escuras. Não tem um quarto de banho e tem uma pia.

O pensamento do senhorio quando faz o predio é vingar-se do inquilino.

Signal particular : o senhorio é casado.



### *Psychologia do inquilino*

E' possivel que, em algumas circumstancias da vida, o inquilino dê mostras de conservatismo, mas ha um dia no anno em que elle é profundamente socialista—é no dia 20.

Um abysmo de incompatibilidade separa o inquilino do senhorio—a Renda.

Diriamos que um principio innato de justiça manda outorgar a cada homem um predio, de tal maneira é antipathica ao espirito a noção da renda. Paga-se tudo sem recalcitração : o pão, a luz, a agua, o vestuario, o proprio amor, todavia, como a justiça, substancialmente gratuito. Uma coisa ha, porém, que se paga sempre com repugnancia e colera : a Renda.

O inquilino detesta o senhorio.

Não mantem com elle as menores relações amistosias, não o visita e não recebe nunca a sua visita, não faz parte dos mesmos gremios, não frequenta os mesmos cafés. Estas duas entidades sociaes não tem de commum senão a sua antipathia.

Raro é o inquilino que diz bem da casa que habita. Diz sempre mal. Vimos já como começa por a destruir. Quando não o consegue completamente, acaba por a desacreditar. Desacreditar a casa é um dos prazeres ferozes do inquilino. Desacredita-a junto dos seus amigos, desacredita-a junto dos seus successores. Ao deixar a casa, o inquilino promove que ella fique paga e improductiva, ferindo assim os interesses do senhorio—no Juro.



Antes d'isso, accommette-a d'alto a baixo a martello. Enegrece a, propositadamente suja-a. Quinze dias antes da mudança, não se lavam as casas. E' de rigor.

O inquilino vingá-se na casa, assim como o senhorio se vingá com a casa.

A casa d'aluguer é odiosa. O inquilino não a supporta. Diz:

— Maldita casa!

Ou:

— Aquella maldita casa!

Attribue-se á casa todos os males: os bilhetes que sahem brancos, as constipações que não se curam e as gavetas que emperam. Resumem-se os infortunios domesticos n'esta expressão característica do regimen do inquilinato:



— Depois que viemos para esta casa...

D'ahi, o habito de mudar todos os semestres, porque todas as casas parecem igualmente más.

Quando se paga a renda, ha lagrimas, porque niguem pensa na renda senão oito dias antes. N'esse momento então, o senhorio assume aos olhos do inquilino as proporções de um monstro.

O inquilino não tem signal particular. O seu signal particular é a sua condição de inquilino.

E' inquilino, como é herpetico, ou escrophuloso.

## Uma nova idéa, ou o futuro da litteratura

O *Seculo* acaba de pôr á venda litteratura — a pezo.

O respectivo annuncio vinha publicado um d'estes dias n'aquelle jornal e ennumerava assim as differentes obras á venda:

Guerreiro e Monge.....	1:500 gram.
(1.º vol. cart....)	1:250 gram.
(2.º vol. cart....)	1:300 gram.
Luiz de Camões (1.º vol. br....)	1:15 gram.
(2.º vol. br....)	1:200 gram.
Marquez de Pombal 2.º vol. . .	1:050 gram.
A Visão de Jesus 2.º vol. . .	650 gram.
A Filha do Polaco 1.º vol. . .	650 gram.
Coração de Criança (1.º vol. . .)	1:300 gram.
(2.º vol. . .)	1:400 gram.

A idéa de vender obras litterarias a peso não é nova. O genio liquida muitas vezes nas mercearias. Não é raro, por exemplo, levarmos para casa, com meio arratel de manteiga—o *Paraizo Perdido* ou o *D. Quichote*.



A venda da litteratura a peso tem-se, no entanto, feito por grosso. Ora é uma edição que não se exgotou, ora outra que não se vendeu e que atravancam inutilmente as estantes dos livreiros. Vendidos a peso, estes restos da produçáo litteraria tem uma extracção facil—como papel de embrulho.

Mas se a venda por grosso, a peso, já se fazia, a venda a retalho cremos nós ser coisa inteiramente sem precedentes.

Fructificará o exemplo do *Seculo* e iniciará a livraria nacional o systhema de vender a obra litteraria a peso?

A succeder assim, que revolução nas letras e nos mesmos costumes da litteratura!

Está se a ver a situação.

O ideal dos futuros homens de letras, como o ideal dos actuaes padeiros, passaria a ser—roubar no peso.

Offerecer-se-hia aos editores não já um bom romance ou um bom livro de critica, mas kilo e meio de romance, ou quinhentas grammas de critica.

Os jornaes annunciariam, por exemplo, Theophilo Braga, n'estes termos—*Peso bruto, seis kilos*.

O publico nas suas relações com a litteratura, mudaria inteiramente de habitos.

Hoje compra-se — um livro. Amanhã comprar-se-hiam fracções de livro, como nas mercearias se compram pedaços de queijo.

—Dê-me d'aqui um pedacinho das *Farpas*, diria um cliente dos srs. Ferreira & Oliveira apontando com o dedo para uma collecção da obra de Ramalho, collocada sobre o balcão.

E o empregado dos srs. Ferreira & Oliveira, de faca em punho, simulando um golpe na obra de Ramalho:

— Por aqui?...

— Não! Isso é muito... Menos!

Levado para a balança o naco da obra de Ramalho, verificar-se-hia pesar — supponhamos—quatrocentas e cincoenta grammas.

E o empregado dos srs. Ferreira & Oliveira:

— Se vocencia quer completa-se o meio kilo.

Hesitação do cliente, vindo afinal o pedacinho das *Farpas*, que falta para completar o meio kilo.

No acto de embrulhar, o empregado dos srs. Ferreira & Oliveira não deixaria de accrescentar com deferencia, devolvendo o troco:

— Vocencia não deseja mais nada?... Tambem temos romances historicos do sr. Campos Junior—muito frescos.

Quem sabe?—Talvez a litteratura nacional venha a conhecer assim dias mais prosperos!



# UM HOMEM D'ESTADO QUE PERDE A CABEÇA



**ALVIÇARAS** — Dão-se a quem achar a cabeça de um primeiro ministro, a qual se perdeu entre a rua dos Navegantes e o conselho d'Estado. Tinha dentro o contracto dos tabacos e algumas idéas geraes, que fazem muita falta ao seu possuidor.

**Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes**

ASSEMBLÉA GERAL DOS SRS. ACCIONISTAS

Nos termos dos artigos 31.º e 39.º dos estatutos d'esta Companhia, approvados por alvará de 30 de novembro de 1894, são convocados os srs. accionistas para se reunirem em Lisboa na séde social, em assembléa geral ordinaria, no dia 15 de junho proximo futuro ao meio dia.

ORDEM DO DIA

1.º — Apresentação das contas respectivas ao exercicio de 1904, do relatório annual do Conselho de Administração e do respectivo parecer do Conselho Fiscal e votação do mesmo parecer sobre essas contas;

2.º — Quaesquer propostas dos srs. accionistas apresentadas segundo a parte final do art. 38.º dos estatutos;

3.º — Eleição de um vogal do Conselho de Administração, nos termos do art. 13.º dos mesmos estatutos, podendo ser reeleito segundo o mesmo artigo o administrador que completou o seu periodo d'exercicio;

4.º — Eleição de dois vogaes do Conselho Fiscal nos termos do art. 24.º dos ditos estatutos, podendo ser reeleitos, segundo o mesmo artigo os accionistas que completaram o mesmo periodo.

Esta assembléa geral segundo os preceitos do art. 28.º dos mesmos estatutos, compôr-se-ha dos accionistas possuidores de cem ou mais acções da Companhia.

Para poder tomar parte na assembléa devem as acções nominativas ter sido averbadas até ao dia 15 de maio corrente inclusivé, e as acções ao portador depositadas até ás 4 horas da tarde do dia 31 de maio corrente;

Em Lisboa: — na séde da Companhia, no Banco de Portugal, no Banco Lisboa & Açores, no Banco Commercial de Lisboa, no Banco Nacional Ultramarino, no Monte-Pio Geral e no Credit Franco Portugais;

No Porto: — no Banco Alliança e no Banco Commercial do Porto;

Em Paris: — nas caixas do Crédit Lyonnais, na Société Générale de Crédit Industriel & Commercial, na Société Générale pour favoriser le développement du Commerce & de l'Industrie en France, no Comptoir National d'Escompte de Paris e na Banque de Paris & des Pays Bas;

Em Londres: — nas caixas dos Banqueiros Glyn, Mills, Currie & C.º;

Em Berlim e Francfort: — nas caixas do Bank fur Handel & Industrie.

Os bilhetes de admissão á assembléa serão passados pela Commissão Executiva da Companhia, em vista das acções averbadas ou dos recibos dos depositos das acções depositadas.

A assembléa constitue-se e poderá validamente deliberar nos termos dos art.ºs 32.º, 33.º, 36.º, 37.º e 39.º dos estatutos.

Lisboa, 3 de maio de 1905.

O Presidente do Conselho de Administração,

*Victorino Vaz Junior.*



**Gallista Pedicuro** Jeronymo Fernandes  
Empregado da casa Ornellas  
**RUA SERPA PINTO — 48, 1.º**  
*(Frente para o Chiado)*

EXTRACÇÃO de callos e desencravamento de unhas pelos mais modernos processos até hoje conhecidos. Pede-se ao publico que visite este consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.

*Das 9 ás 5 da tarde*

**TYPOGRAPHIA**

DO

**Annuario Commercial de Portugal**

PROPRIEDADE

DE

**MANOEL JOSÉ DA SILVA**

**Iluminação e força motriz por electricidade**

**Impressões em tinta de copiar  
Transportes, ouro e prata**

**Impressos para as repartições de Fazenda, Camaras Municipaes,  
Companhias de seguros, Emprezas de navegação, etc.  
Bilhetes de visita, facturas, bilhetes de loja, recibos, talões,  
apolices, quotas, participações de casamentos,  
conhecimentos, etc.**

**ESPECIALIDADE EM ROTULOS DE PHARMACIA**

E

**OBRAS ILLUSTRADAS**

**5—CALÇADA DA GLORIA—5**

**LISBOA**

